



DIÁLOGOS E ACOLHIMENTO: O SUBPROJETO DE HISTÓRIA DO PIBID/UFOB SENDO RECEPCIONADO PELA COMUNIDADE ESCOLAR

Kleber Jesus de Souza ¹

Dilza Santos Torres ²

Gabriela do Nascimento Silva ³

Bruna Luiza Soares Pires ⁴

Sônia Escobar Ferreira ⁵

RESUMO

Este relato de experiência reflete sobre a contribuição da inserção no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma iniciativa do Ministério da Educação integrada à Política Nacional de Formação de Professores que fomenta a formação inicial docente em nível superior. O Subprojeto de História PIBID/UFOB 2024-2026 é composto por 24 estudantes de licenciatura em História, dos quais oito estão alocados na Escola Municipal Iazinha Pamplona, que atende aos anos finais do Ensino Fundamental. O início do Subprojeto de História na referida escola foi marcado pela observação das aulas de História nas turmas de 7º ano A e B do período matutino. Após a fase de observação, foram realizadas duas oficinas pedagógicas com as turmas, entre o período de abril e julho de 2025, abordando as temáticas de História Ambiental, História Local e História e Literatura. Para o desenvolvimento dessas oficinas, foi utilizado como referencial teórico as reflexões de Freire (1996) e Hooks (2017) no que diz respeito à prática docente. Para o conceito de História local, recorremos à perspectiva de Cavalcanti (2018) e para discutir História ambiental, as contribuições de Rodrigues e Machado (2023). As leituras partiram de reuniões com o coordenador do subprojeto e a professora supervisora. A vivência no programa tem proporcionado importantes aprendizados para a formação docente dos alunos pibidianos. O acolhimento e o diálogo com os estudantes da instituição fortalecem, no grupo, a confiança para as futuras práticas pedagógicas. O programa se apresenta como uma oportunidade de refletir a partir do chão da escola, e entender que práxis, para além de um conceito, é uma atuação para a humanização do outro e de si mesmo.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, kleber.s2972@ufob.edu.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, dilza.t2623@ufob.edu.br;

³ Historiadora e graduanda do Curso de Licenciatura de História pela Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, gabriela.s3657@ufob.edu.br;

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, bruna.p1287@ufob.edu.br;

⁵ Professora orientadora: Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, escobarsonia274@gmail.com.



Palavras-chave: PIBID, Subprojeto de História, vivência escolar.

INTRODUÇÃO

Este relato tem como tema os diálogos e o acolhimento vivenciados por quatro bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Subprojeto de História, da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). O programa é uma iniciativa do Ministério da Educação e está integrado à Política Nacional de Formação de Professores, que fomenta a formação inicial docente em nível superior.

O Subprojeto de História PIBID/UFOB 2024-2026 é composto por 24 estudantes de licenciatura em História, dos quais oito - distribuídos em dois quartetos - estão alocados na Escola Municipal Iazinha Pamplona, que atende estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, sob a supervisão da professora Sônia Escobar Ferreira. Um dos quartetos é formado pelos discentes Bruna Luiza Soares Pires, Dilza Santos Torres, Gabriela do Nascimento Silva e Kleber Jesus de Souza, que acompanham atualmente as aulas de História em duas turmas de 7º ano.

As atividades do Subprojeto de História PIBID/UFOB, desenvolvidas na unidade escolar se baseiam no entendimento de que essa experiência possibilita para os bolsistas melhoria em sua formação inicial a partir da imersão no chão da escola com a possibilidade de unir teoria e prática desde o início da graduação; Para a unidade escolar, os pibidianos representam apoio nos processos de ensino e aprendizagem, já que podem contribuir no planejamento e desenvolvimento de propostas pedagógicas; e também fortalecimento do vínculo entre a escola e universidade, proporcionando uma troca de saberes entre academia e a educação básica.

Este relato tem como objetivo socializar a experiência vivida pelo quarteto na escola, no que diz respeito ao acolhimento dos estudantes ao Subprojeto de História PIBID/UFOB, e refletir sobre as contribuições do programa para a prática docente na educação básica e para a formação inicial de professores, uma vez que para o docente em formação a “inserção no espaço escolar traz o confronto com a realidade, mas também o conhecimento e a busca de compreensão desse novo ambiente, em um movimento no qual as expectativas vão sendo revistas e novas relações são construídas” (Ambrosetti; Nascimento; Almeida; Calil; Passos, 2013, p. 162).



Como referencial teórico para as discussões propostas, temos as contribuições de Freire (1996) sobre a reflexão crítica da prática, e Hooks (2017), que defende uma abordagem e práticas de cuidado para um aprendizado crítico. Entre os meses de abril e julho foi desenvolvida a oficina “Do Campo à Mesa: um encontro entre História Ambiental, Local e a feira livre de Barreiras-BA” que tinha como foco a História local e ambiental e foi realizada com as turmas dos 7º anos.

A oficina foi desenvolvida a partir de uma aula expositiva dialogada, com o objetivo de aprofundar a reflexão sobre como as práticas agrícolas e a cultura alimentar de matrizes africanas e indígenas que estão presentes na realidade dos estudantes, sob a perspectiva da relação entre a feira livre de Barreiras (BA) e a agricultura familiar da região. No segundo momento, com base nos elementos discutidos em sala, os/as estudantes foram orientados/as a produzir um caderno de receitas que contemplasse alimentos de origem africana e indígena. A proposta envolveu tanto a escrita das receitas quanto a elaboração de conteúdos complementares, como mitos, símbolos, aspectos culturais e relatos da relação pessoal dos estudantes com determinadas práticas culinárias. Para a execução da atividade, os/as estudantes foram organizados/as em grupos de quatro integrantes, e cada equipe ficou responsável por um segmento alimentar. A produção dos cadernos foi feita de forma artesanal, utilizando materiais recicláveis. Nesse processo, os/as discentes tiveram ampla autonomia criativa, incorporando fotografias, desenhos feitos à mão e colagens, o que favoreceu o protagonismo e a expressão subjetiva na construção do material.

METODOLOGIA

Entre os dias 1 e 30 de abril de 2025, foi realizada a primeira oficina nas turmas do 7º ano A e B matutino da escola, nas aulas de História, sob a supervisão da professora Sônia Escobar Ferreira. Com o título “Do campo à mesa: um encontro entre História, Natureza e Comunidade na Feira livre de Barreiras-BA”, a oficina tinha como proposta contemplar as discussões dos objetos de conhecimento dos povos e culturas africanas, impérios e reinos africanos e povos originários da América, bem como trabalhar especificamente com o conhecimento da história local do município de Barreiras-BA.



Objetivando promover a valorização da história local e ambiental da cidade em questão, com destaque para a feira livre e a agricultura familiar como elementos centrais da identidade cultural; investigando a origem, transformações e importância da feira livre para a comunidade local, bem como refletindo sobre as práticas sustentáveis na agricultura e no comércio da feira. A construção do processo destaca também a importância das técnicas de cultivo dos povos africanos e pré-colombianos e sua influência na alimentação local.

A organização da oficina contou inicialmente com uma fase de planejamento, em que os bolsistas e a professora supervisora se reuniram nos horários destinados às atividades complementares (AC's), nos dias 1, 2 e 8 de abril de 2025, e elaboraram o plano de oficina com produção de materiais didáticos, que foi entregue ao coordenador de área para uma análise prévia.

A relevância da realização da proposta se justifica na influência da herança africana e indígena na produção agrícola brasileira, tema que abrange uma rede de complexas interações sociais e culturais. Com a vinda dos africanos ao Brasil, como resultado do tráfico transatlântico de escravizados, suas práticas agrícolas, conhecimentos e culturas se entrelaçaram com as tradições indígenas e portuguesas, criando um sistema agrícola único.

No dia 9 de abril de 2025, foi realizada a primeira parte da execução da oficina nas turmas dos 7º anos. Na referida data, a aula foi iniciada com uma exposição teórica, com o auxílio de slides, abordando o processo histórico das práticas agrícolas; a influência africana e indígena na alimentação; a agricultura familiar nos quilombos; o surgimento e desenvolvimento da Feira Livre do município de Barreiras-Ba e a relação da agricultura familiar com a sustentabilidade. Em seguida, os estudantes foram apresentados à proposta de confecção de um livro contendo receitas com ingredientes de origem dos cultivos de povos africanos e pré-colombianos. Para isso, eles foram orientados a realizar uma pesquisa prévia, utilizando livros, revistas e ferramentas da internet. Foi explicado aos alunos que os livros poderiam incluir imagens e ilustrações de própria autoria.

Para a produção dos livros, cada turma foi organizada em dez grupos, com no máximo três integrantes por equipe. Os pibidianos também destacaram a importância de os estudantes apresentarem seus trabalhos à turma ao final do processo, explicando a motivação da escolha





das receitas e sua origem. Foram necessárias mais duas semanas para a confecção, finalização e apresentação dos livros de receitas, nos dias 16 e 30 de abril de 2025.

Foram necessárias mais duas semanas para a confecção, finalização e apresentação dos livros de receitas, realizadas nos dias 16 e 30 de abril de 2025. Os materiais utilizados na produção dos livros foram, em geral, reciclados e reaproveitados, como retalhos de tecido, papéis reciclados, papelão e barbantes, a fim de conscientizar os alunos sobre a importância de reutilizar objetos que, convencionalmente, seriam descartados como lixo.

A segunda oficina realizada com as turmas de 7º ano em 2025, intitulada “*Diálogos entre História e Literatura: Discutindo o processo colonial na América através de poesias*”, ocorreu entre 20 de maio e 4 de junho. A atividade abordou os processos de colonização das Américas e teve como objetivo relacionar esse contexto histórico à literatura por meio da produção de poesias. Os estudantes refletiram sobre as interações entre europeus e indígenas, analisaram a estrutura político-administrativa imposta pelos colonizadores e discutiram os impactos da conquista para as populações nativas, conectando esses elementos à criação de textos literários.

Os dias destinados ao planejamento da oficina situam-se entre 20 e 22 de maio de 2025, e a execução foi organizada em duas datas, 28 de maio e 4 de junho de 2025. No dia 28 de maio, foi realizada uma exposição teórica e dialogada do objeto de conhecimento, com o auxílio de slides e exibição de vídeo, abordando o processo histórico das colonizações no continente americano, com ênfase no contato inicial dos europeus com as populações nativas.

Em seguida, foi proposta aos estudantes a elaboração de um quiz com perguntas e respostas relacionadas ao conteúdo abordado. A turma foi organizada em trios, e cada equipe foi orientada a escrever um rascunho com três perguntas e suas respectivas respostas sobre o processo de colonização na América, utilizando o capítulo 7 do livro didático. As perguntas foram revisadas e, após a correção, transcritas para os papéis definitivos entregues aos discentes; posteriormente, as questões foram armazenadas na caixa do quiz.

Na semana seguinte, dia 4 de junho de 2025, dando continuidade à oficina, foi realizada uma dinâmica que consistiu no sorteio de perguntas, e os estudantes foram estimulados a propor respostas às questões. Cada aluno sorteou e leu uma pergunta para que a turma tentasse responder. Foi uma oportunidade de revisar e fixar os conteúdos abordados.





Com base na atividade lúdica, foi retomada a discussão sobre a colonização das Américas, abordando os principais aspectos econômicos, sociais e administrativos, destacando os

impactos do processo colonial para as populações nativas e a resistência dessas comunidades diante da invasão e dominação de seus territórios. Também foi explicado como a Literatura aborda esse período colonial, fazendo uma leitura crítica da poesia “500 anos de Brasil”, de José Francisco Borges.

Em seguida, os bolsistas do Subprojeto de História do PIBID-UFOB orientaram os estudantes sobre como se organiza a estrutura de uma poesia, com versos, estrofes e rimas. Com isso, foi apresentada a proposta de produção da oficina, para a construção coletiva de uma antologia de poesias. Os estudantes escreveram, individualmente, suas poesias, para que fossem posteriormente entregues, avaliadas como parte integrante da nota do trimestre letivo, e digitalizadas para a produção do material didático.

REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta da oficina parte de uma concepção do entrecruzamento entre História Local, História da África e cultura africana e afro-brasileira e História Ambiental como um importante instrumento na construção de aprendizagem histórica no ambiente escolar. O debate busca possibilitar aos estudantes se reconhecerem como agentes históricos, partindo da compreensão das suas realidades e do território que habitam.

Carolina Santos Barroso de Pinho (2020) coloca que, diante do papel que o racismo desempenha na sociedade, só é possível fazer uma transformação, se as práticas coletivas forem pautadas em uma pedagogia anti-racista. Maria Helena P. T. Machado (1988, pág. 144) ao estudar a história da escravidão, aponta que a partir de 1980, novas tendências historiográficas geraram uma nova percepção que relega ao escravizado “o papel de figurante, incapaz de interagir eficazmente no processo histórico”.

Para Krenak (2019, p. 21) “*aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes - a sub-humanidade*”. Dessa forma, a oficina desenvolvida se configura como uma estratégia de desmistificação do imaginário social que reduz a participação desses sujeitos ao trabalho escravo forçado ou a colonização pela troca





pôr “espelhos” -preconceito sistematicamente utilizado- ignorando as suas fundamentais contribuições na construção da identidade cultural brasileira.

De acordo com a Base Comum Curricular (Brasil, 2024), o ensino de história tem como função social, favorecer o desenvolvimento da consciência histórica, compreendendo a construção da história e os vários sujeitos que contribuíram com a identidade cultural do Brasil. Desse modo, durante o trabalho desenvolvido foram abordadas as contribuições das técnicas agrícolas e das práticas alimentares dos povos originários e dos povos africanos para a formação da cultura alimentar desenvolvida no Brasil.

Neste contexto, foi evidenciado como a cultura alimentar e as práticas de cultivos são resultados de trocas culturais e de saberes ancestrais, em que conhecimentos trazidos pelos africanos e os saberes tradicionais dos povos indígenas constituíram grande influência na agricultura e nas práticas alimentares presentes na atualidade. Pollak (1992) aponta que a memória não se restringe à experiências vividas pelos indivíduos, quando compartilhada e transmitida por grupos ou coletividades com os quais os sujeitos se identifiquem, ela passa a constituir uma memória social e cultural, vivenciada simbolicamente como se fosse própria.

Ao considerar a relação entre memória, identidade e território, a Feira Livre de Barreiras - BA foi abordada através da compreensão como espaço de memória e identidade, no qual se expressam práticas culturais e sociais da própria realidade dos estudantes. Trazendo o espaço local, a feira se configura como um ambiente em que os agricultores familiares contribuem para a preservação e atualização das tradições alimentares, a partir dos produtos típicos dos povos estudados e da própria cultura alimentar local. Além disso, o debate mostra de forma significativa como certas práticas históricas e culturais permanecem próximas da realidade dos estudantes.

A escola se insere em um território predominantemente negro, refletindo a diversidade étnico-racial do espaço. Além disso, a região abriga comunidades quilombolas e aldeia indígena, o que reforça a importância de práticas educativas que valorizem os saberes desses grupos que foram historicamente marcados tanto pela violência colonial, como também pela resistência através preservação de suas tradições. Nesse sentido, a feira representa um espaço de interação em que as heranças africanas e indígenas são reelaboradas e vivenciadas pela comunidade, permitindo que os sujeitos se reconheçam como agentes históricos.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendendo a importância das práticas ancestrais africanas e pré-colombianas de manejo da terra e cultivo de alimentos, tornou-se possível relacionar essas heranças históricas com o contexto alimentar local contemporâneo, analisando o comércio empreendido na Feira Livre de Barreiras-BA, lugar no município de grande importância econômica, social, cultural e ambiental, no que se refere às práticas sustentáveis realizadas pela agricultura familiar.

A confecção dos cadernos de receitas valorizou os conhecimentos familiares e comunitários. Em vinte cadernos, encontramos narrativas que relacionam ingredientes, modos de preparo e memórias afetivas. Vários alunos relataram terem familiares que plantam, criam animais para consumo e venda na feira. Nos livros os alunos também relataram suas opiniões e memórias afetivas sobre os pratos ali descritos. Essas falas mostram que a comida funciona como espaço de transmissão de memória e de identidade.

O trabalho em grupo estimulou a divisão de tarefas, discussões sobre as receitas e como produzir um livro que todos se orgulhavam (pesquisa, edição e confecção) e promoveu maior engajamento: os alunos passaram de espectadores a produtores de conteúdo, propondo temas e perguntas sobre colonização e práticas alimentares locais.

As oficinas favoreceram o relato de memórias pessoais que articulam pertencimento e resistência. Técnicas de matriz africana e saberes indígenas apareceram nas produções como traços presentes na mesa local. Essa presença reafirma a importância de incluir referências multiculturais no ensino de História principalmente em uma região baiana onde a cultura indígena e afro-brasileira está presente e resiste todos os dias, fugindo de um cânone exclusivamente europeu.

Para os bolsistas, a experiência teve caráter formativo e transformador. A necessidade de adaptar linguagens, construir materiais acessíveis e mediar o diálogo com a comunidade escolar revelou competências essenciais para a docência: planejamento contextualizado, escuta ativa e sensibilidade para lidar com afetos e memórias.

Os resultados indicam que oficinas contextualizadas, que cruzam práticas culturais e escolares, têm potencial para fortalecer laços entre universidade, escola e comunidade. Ao





produzir cadernos de receitas e dialogar com a feira, os alunos viram seu cotidiano tornar-se objeto de estudo e valorização.

Através desses resultados observados na oficina e nas demais experiências vivenciadas durante o programa, os pibidianos também tiveram a oportunidade de refletir sobre o chão da escola e o exercício práxis, onde atividades como a oficina sobre História Ambiental e Local, proporcionam uma rica interação entre licenciandos e estudantes da educação básica, em sala de aula.

Importante notar que a prática pedagógica aqui relatada não é neutra: escolha de materiais, modos de registro e enfoques teóricos impactam diretamente nos resultados. Optamos por dar visibilidade a saberes locais e por materiais reutilizáveis, escolhas pedagógicas que também dialogam com uma ética ambiental.

Ainda assim, há desafios: como a disponibilidade de recursos e a necessidade de formação continuada para professores que desejam incorporar essas práticas. A sustentabilidade de projetos como este depende tanto de apoio institucional quanto da construção de redes de colaboração entre universidade e comunidade escolar.

Para avaliar impactos em longo prazo seria necessário acompanhamento longitudinal. Além disso, houve vínculos e vozes que não conseguimos alcançar plenamente, uma limitação metodológica a ser enfrentada em próximas edições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Subprojeto de História do PIBID-UFOB na Escola Municipal Iazinha Pamplona confirmou que formação inicial e prática escolar ganham senso de urgência quando articuladas à vida local. Os cadernos de receitas, as conversas com os alunos durante a produção e a sessão na feira livre mostraram que saberes cotidianos podem, e devem, entrar na sala de aula como fontes legítimas de conhecimento histórico.

Recomendamos +





manter e expandir oficinas interdisciplinares; registrar e arquivar sistematicamente os materiais produzidos; promover formações continuadas para docentes que queiram replicar atividades; e buscar apoio institucional para garantir a continuidade dessas práticas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos alunos das turmas do 7º ano da Escola Municipal Iazinha Pamplona; aos feirantes do Mercado Municipal de Barreira-BA, que nos receberam; e também ao programa PIBID-UFOB pelo financiamento e apoio logístico.

REFERÊNCIAS

AMBROSETTI, Neusa Banhara; NASCIMENTO, Maria das Graças C. A.; ALMEIDA, Patrícia A.; CALIL, Ana Maria G. C.; PASSOS, Laurizete F. Contribuições do PIBID para a formação inicial de professores: o olhar dos estudantes. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, v. 4, n. 1, p. 151-174, jan./jun. 2013.

BAPTISTA, C. R. et al. *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 set. 2001. Seção 1E, p. 39-40. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. *E-Mosaicos*, v. 7, p. 3-25, 2019.

DE PINHO, Carolina Santos Barroso. A construção de uma pedagogia antirracista como estratégia revolucionária. *Pesquisas e pedagogias: educação para as diferenças*, p. 31, 2020.





FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Nova edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACHADO, Maria Helena P. T. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. *Revista Brasileira de História*, v. 8, n. 16, p. 143–160, 1988.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

